

FITB-BH. Programação inclui exibição do filme de animação “Batalha, a Guerra do Vinil”, feito em stop motion

FITB/DIVULGAÇÃO

Atriz lança livros sobre o mamulengo

Mão mole, molenga, mamulenga. Parece ser esta a origem etmológica do mamulengo, teatro de boneco nordestino em que se usa como técnica de manipulação luvas ou varetas. Apesar de, no resto do país, ser usado para definir essa linguagem nordestina do teatro de bonecos, o termo mamulengo é tipicamente pernambucano, sendo que cada Estado da região tem sua própria designação - Cassimiro Coco no Ceará, João Redendo no Rio Grande do Norte, Babau na Paraíba.

Como cearense, a atriz e bonequeira Ângela Escudeiro saiu pelo interior do seu Estado para pesquisar o Cassimiro Coco e escrever o livro "Cassimiro Coco de Cada Dia - Botando Boneco no Ceará", que será lançado hoje dentro da programação do IX Festival Internacional de Teatro de Bonecos (FITBBH). Ela percorreu dez municípios "mapeando os velhos bonequeiros" que encontrava pelo caminho. Segundo Ângela, o objetivo da pesquisa era mesmo registrar histórias de uma arte tradicional que já foi muito popular, mas que agora está definindo pelo interior do Estado. "Já não é mais possível sobreviver do Cassimiro Coco para esses bonequeiros do interior.

Muitos já trancaram suas malas", constata Ângela. Mas, nas palavras da bonequeira- pesquisadora, "o Cassimiro Coco interessa muito porque fala da cultura popular do Nordeste". E por isso, depois de lançar "Cassimiro Coco de Cada Dia", Ângela foi convidada a coordenar uma pesquisa mais abrangente, que a Associação Brasileira de Teatro de Bonecos e o Iphan encomendaram com o intuito de dar ao mamulengo o título de patrimônio cultural brasileiro.

MESTRE. Concomitante à produção de "Cassimiro Coco de Cada Dia", Ângela Escudeiro dedicou-se também a uma outra história, a do seu parceiro de trabalho e bonequeiro há 30 anos, Augusto Bonequeiro. O resultado é o livro "O Bonequeiro de Escada", "uma biografia da minha vida artística", como o próprio Augusto define em entrevista ao Magazine, de Fortaleza. Augusto, que apresenta com Ângela o espetáculo "O Caso da Cobra Pantera" no Festival de Teatro de Bonecos, é um outro tipo de mestre.

Diferente daqueles retratados por Ângela no primeiro livro, como Pedro Boca Rica, considerado o maior bonequeiro popular do Ceará. O trabalho de Augusto bebe na fonte do mamulengo, mas cresce em várias direções, como explica a própria Ângela. A maior contribuição de Augusto Bonequeiro, segundo ela, foi ter "mostrado ao Estado do Ceará que é possível ser bonequeiro por profissão".

"Quando o Augusto veio de Escada para Fortaleza, percebi que ele estava realmente fazendo um trabalho de reeducação a respeito do teatro de bonecos, de modo que as pessoas começaram a trabalhar profissionalmente com a arte. Ele começou a ensinar, a dar espetáculos de graça para atrair curiosidade e então veio uma efervescência na cidade. Tudo isso, mais o seu talento, fez com que crescessem a vontade de escrever o livro", justifica Ângela, que trabalha ao lado de Augusto há 18 anos.

Publicado em: 02/06/2008



Animação. Cena de Batalha, a Guerra do Vinil, atração de hoje do Festival Internacional de Teatro de Bonecos